



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.

Sub-Eixo: Ênfase em Gênero.

DIÁRIO DE CAMPO E SUAS POTENCIALIDADES NA PESQUISA QUALITATIVA EM SERVIÇO SOCIAL: REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA EM PROCESSO

Priscila Rodrigues de Castro¹

Resumo: Este trabalho reflete sobre as potencialidades do diário de campo na pesquisa qualitativa. É um relato de experiência que revela trechos do diário de campo da tese doutoral; sobre a experimentação de gênero dentro das artes plásticas e como a mediação da arte influencia o cotidiano de mulheres por meio da prática de colorir muros, o graffiti.

Palavras Chaves: Diário de Campo, Gênero, Arte, Graffiti.

Abstract: This paper thinks over the field journal and its potentiality inside the qualitative research. It's a experiment report that shows excerpts from the doctoral thesis field journal; about gender experimentation inside visual arts and how the art mediation influences the daily lives of women practising graffiti.

Keyword: Field Journl, Gender, Art, Graffiti.

Introdução

Esta reflexão nasceu de uma experimentação com o uso do diário de campo, ainda em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação do curso de Doutorado em Serviço Social, iniciado em 2016 pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O Diário de Pesquisa permitiu reunir ideias, questionamentos, exemplos e experiências utilizando para tanto, a linguagem escrita e visual². Fotografias e imagens também complementam e formam o corpo do diário e permitem construir e reconstruir, através de mediações teóricas, percepções sobre o tema da pesquisa. Nesse sentido, a documentação e registro por meio do diário e posteriormente sua mediação teórica incorporada à tese devem ser destacados, visto sua relevância para o processo de conhecimento.

Este trabalho tem como foco pensar a pesquisa como estratégia de produção de conhecimento que se vincula à finalidade da prática profissional do Serviço Social, de desvendamento das expressões que constituem a realidade capitalista. Vincula-se a uma opção sólida de referencial teórico e metodológico, expressa através de um rigor crítico e

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, E-mail: priscilardcastro@gmail.com.

² Como a proposta desta comunicação é o relato de experiência, optamos trazer apenas as referências textuais elaboradas no instrumento.

analítico, refletindo o aprimoramento da pesquisa e investigação da realidade social. Segundo Yamamoto (2001, p. 273) “a dinamicidade dos processos históricos requer a permanente pesquisa de suas expressões concretas”. As possibilidades da pesquisa em Serviço Social são amplas e concretizam a articulação de suas dimensões teórica, técnicas e políticas.

A pesquisa se constitui como importante patrimônio para a profissão. Patrimônio esse que vem se ampliando no Brasil desde os anos 1980 através das agências de pesquisa, que percebem o Serviço Social como área importante na produção de conhecimento. Esse reconhecimento também é fruto da opção teórica das pesquisas científicas nesta área e que resultam em produções expressivas e que remontam a atualidade da tradição marxista. Não existe a possibilidade de conhecimento do real e suas novas determinações sem a pesquisa científica. Para Guerra (2009, p. 16) a pesquisa diz respeito a uma capacidade competente à profissão, expressa em sua dimensão investigativa: “ela é a dimensão do novo – questiona, problematiza, testa as hipóteses, permite revê-las, mexe com os preconceitos, estereótipos, crenças, superstições, supera a mera aparência, por questionar a “positividade do real””.

Portanto, entendemos a pesquisa como um elemento de estratégia profissional para desvelamento das reais necessidades postas no cotidiano e como forma de “ampliação do patrimônio intelectual e bibliográfico da profissão” (GUERRA, 2009, p. 1). Tomamos como elemento central de análise o uso do diário de campo³ como ferramenta importante para a pesquisa qualitativa. Esse instrumento, em nosso ponto de vista, ultrapassa a finalidade de registro de observações e reflexões momentâneas, mas se constitui em um modo de compreender o objeto de estudo em suas múltiplas dimensões.

Para tanto, entendemos que o diário de campo - instrumento de registro amplamente empregado no estágio em serviço social e no desenvolvimento da sistematização da prática profissional⁴ - como caderno de notas pessoais onde o pesquisador registra as conversas informais, observações, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados e, sobretudo, suas reflexões, o que evidencia sua potencialidade como estratégia metodológica em pesquisa qualitativa.

Sua potencialidade se destaca, sobretudo, como forma de apreensão e descrição detalhada da riqueza de vivências e narrativas dos sujeitos em foco no estudo. O esforço

³ Não cabe neste texto uma conceituação sobre o instrumento de pesquisa aqui focado, para mais detalhamento sugerimos: CRESSWELL, O projeto de pesquisa; métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre, Artmed, 2010.

⁴ Para aprofundamento ver: ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. Retomando a Temática da “Sistematização da Prática” em Serviço Social. In: In Pauta, Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ, nº10, julho de 1997.

posterior para a compreensão do fenômeno, através das experiências compartilhadas, será estabelecido pelas mediações necessárias à postura metodológica crítico-dialética.

O objetivo revelado neste trabalho é o de compreender o contexto da vida cotidiana dos sujeitos em suas mais diversas dimensões, assim como possibilitar uma reflexão sobre as potencialidades do emprego do diário de campo no processo de conhecimento, visto que ele expressa os procedimentos de análise, reflexões e opções para a condução da pesquisa. Ele possibilita perceber os movimentos do processo investigativo e é de grande valia para processos pedagógicos e componentes da herança técnico-operativa profissional.

Tendo essa abordagem em perspectiva propomos trazer trechos do diário de campo da pesquisa doutoral em Serviço Social pela UERJ ainda em desenvolvimento, como relato de experiência do uso deste importante instrumento. Num esforço de apresentar de forma pontual a metodologia que desenvolvi para a aproximação com o objeto de pesquisa, articulando atividades que relacionam e integram o conhecimento científico produzido na academia com a vivência empírica do objeto de tese. Objeto esse que pretende analisar a dimensão político-pedagógica da manifestação artística do graffiti produzido por mulheres na cidade do Rio de Janeiro.

Salienta-se que a trajetória de aproximação com o objeto de trabalho busca envolver os sujeitos que atuam nas manifestações artísticas e tenta capturar seus significados na comunidade, visando socializar os conhecimentos e instrumentalizar leituras sobre as manifestações artísticas que se ligam às lutas coletivas na contemporaneidade. Nesse sentido, as investigações se iniciaram no momento do início das orientações de tese, ou seja, durante o primeiro semestre letivo, novembro de 2016 a fim de que as ações pudessem ser estruturadas com qualidade acadêmica e o acompanhamento teórico-metodológico devido.

A proposta de projeto de tese a ser desenvolvida no âmbito da pós-graduação do curso de Serviço Social da UERJ quer contribuir para pensar o contexto da cultura urbana contemporânea e a produção cultural nos marcos do capitalismo tardio na particularidade brasileira. Nessa direção, as ações que descreverei têm o intuito de propiciar uma leitura significativa por meio da articulação entre observação participante tendo como foco o uso do diário de campo como instrumento de coleta e registro de dados, e a dimensão teórico-metodológica, alicerçada numa apreensão crítico-analítica da realidade social na qual as expressões da questão social se manifestam no cotidiano.

Entendemos ser importante uma análise da arte nos marcos da vida social burguesa a partir de uma concepção da ontologia do ser social. A constituição e o desenvolvimento do processo de reprodução da vida social tem como eixo central o trabalho, entendido como

apropriação da natureza exterior mediada pela consciência e pelos instrumentos, com a finalidade de transformá-la para a satisfação das necessidades do homem, e, nesse processo, transformando-se a si mesmo. Essa compreensão de homem é a base sobre a qual a análise do cotidiano dos sujeitos deve se sustentar, porém, o cotidiano não se resume ao trabalho. Parte dele, mas coexistem com outras dimensões do “espírito” tais como as culturais e artísticas.

A proposta caminha em conjunto com a concepção de que a expressão dos diferentes níveis de apreensão da realidade social possibilita subsidiar a intervenção profissional nestas realidades. Os estudos das expressões e manifestações artísticas e culturais até então realizados⁵, consubstancia-se como objeto de pesquisa doutoral e vem de encontro com o desejo de não somente apreender o fenômeno, mas construir subsídios que gerarão novos elementos para o debate acadêmico, político e social podendo imprimir novas propostas para se pensar as questões culturais das mulheres da classe trabalhadora e das políticas culturais urbanas.

Dito isso, e entendendo que o processo investigativo é essencial para apreensão do real, baseados numa fundamentação teórica, iniciamos uma aproximação com o objeto de estudo proposto, utilizando o diário de campo, num primeiro momento observando o espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, onde a pesquisa irá se desenvolver. Como forma de capturar e registrar algumas obras importantes na cidade aproveitei momentos de deslocamento para fotografar alguns grafittis que me chamavam a atenção. Sempre catalogando os registros por território e pesquisando a autoria das obras, quando identificava alguma *tag* (assinatura do nome ou apelido do grafiteiro) para conhecer sua trajetória e principais obras. De início, isso era um movimento muito mais pessoal e de admiração do que uma possibilidade de incluir tal material no desenvolvimento da tese. Porém, acredito que essa forma inicial de aproximação se tornou um mecanismo importante de aproximação com os artistas e interessados pelo graffiti.

Além disso, o uso do diário tem como proposta promover reflexões sobre a rede de políticas para a cultura e arte urbana na cidade, assim como criar espaços de debate e discussão sobre o tema pela cidade. Ao registrar a participação em eventos coletivos e debates entre profissionais de diversas áreas, interessados no tema e os próprios artistas percebem como são traçadas as estratégias de sensibilização e mobilização junto à população carioca sobre a arte urbana. No entanto, não foram selecionados os registros destes momentos por questões de delimitação dessa comunicação.

Neste sentido, optamos por comunicar neste trabalho algumas experiências e vivências registradas pelo diário de campo, sobre a realidade desses sujeitos num mergulho

5 Tema de trabalho de conclusão de curso de graduação, especilaização assim como de mestrado e outros artigos acadêmicos.

em suas relações cotidianas. Por meio dessas ações acreditamos que será possível capturar o fenômeno das manifestações artísticas de mulheres grafiteiras na cidade do Rio de Janeiro de forma concreta. Segue relato.

- Afrografiteiras

Nos processos de investigação e levantamento de referências sobre os artistas locais retomei o interesse em pesquisar mais sobre os trabalhos de um artista carioca, Panmela Castro, também conhecida como Anarkia.

Panmela dirige uma organização que ensina grafitti a mulheres negras numa perspectiva de gênero chamada Rede Nami - uma rede feminista de grafiteiras que usa as artes urbanas para promover os direitos das mulheres. No início de 2017 foram abertas inscrições para uma nova turma de mulheres interessadas em aprender grafitti. Como forma de estabelecer novos contatos, realizei inscrição. Em março desse mesmo ano, 2017, as aulas de grafitti iniciaram com um grupo de mulheres de várias idades na sede da Rede Nami, no alto da comunidade Tavares Bastos.

A rede Nami surgiu como um projeto para divulgação da Lei Maria da Penha em 2008, reunindo todas as grafiteiras da cidade do Rio de Janeiro. Na época, denominado “grafiteiras contra a violência doméstica”, elas se organizavam para garantir a estruturação de um fundo para o desenvolvimento das atividades relacionadas às pinturas, tais como: gastos com passagens e gastos com material para a elaboração de trabalhos voltados ao objetivo em comum das artistas: divulgar a lei. Hoje o projeto se transformou e tem como idealizadora e presidente a grafiteira e artista Panmela Castro, bacharel em pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ e Mestre em processos artísticos contemporâneos pelo Instituto de Artes da UERJ. O Afrografiteiras é uma atividade derivada da Rede Nami que segundo definição é:

Um programa de formação em arte focado na expressão e promoção do protagonismo de mulheres afro-brasileiras que possui quatro eixos centrais: arte urbana como veículo da comunicação; feminismo negro; empreendedorismo social, produção cultural e economia criativa e, novas tecnologias da comunicação, informação e marketing viral (NAMI, 2017, p.20).

Logo no primeiro dia, para além das atividades artísticas, pude perceber que a relação intergeracional é respeitada e incentivada. As organizadoras são todas mulheres e, em sua maioria, negras. A turma é composta por faixas etárias variadas e por identidades variadas. A questão racial é determinante para a delimitação das vagas, porém, muitas mulheres e meninas brancas puderam participar, como eu. A grafiteira responsável pelo acompanhamento e ensino da turma é uma jovem que ainda não completou seus 18 anos. Perceber que a idade não diminui sua capacidade de dividir o seu conhecimento foi uma das coisas que marcou logo de início.

Uma questão interessante a ressaltar é que a manifestação artística do graffiti não exige grandes experiências ou estudos relacionados ao objeto artístico. Pelo contrário, em sua maioria é desenvolvida por jovens. Ainda assim esses grafiteiros dificilmente são encarados como potencialidades artísticas. Prevalece a ideia negativa de que essa manifestação é uma coisa marginalizada e da condição juvenil, ou seja, passageira, o que na realidade não compreende a condição artística dos sujeitos grafiteiros.

A procura pelo curso é grande e por isso existem outras turmas no mesmo local em horários diferentes, como em outros bairros da capital, para descentralizar as atividades. Percebi, neste sentido que arte compreende uma dimensão muitas vezes estimulada de forma a reforçar estereótipos e comportamentos machistas. Por que uma menina deveria procurar um curso de artes manuais ao contrário das artes plásticas? Questionei-me como o planejamento em políticas sociais reproduz, muitas vezes, essas ideias ao ofertar cursos e oficinas estereotipadas, esvaziados de sentido e possibilidade de escolha às mulheres.

Todas as atividades desenvolvidas são precedidas de palestras e debates sobre temas relacionados ao universo da mulher, às questões contemporâneas de gênero e aos estilos e técnicas do graffiti. Algumas atividades são realizadas em grupo, tais como pinturas em parquinhos e áreas de praças comunitárias. O relacionamento com a comunidade é essencial e é realizado pelas organizadoras em uma fase anterior às atividades.

Uma dasicineiras conversa com os “donos dos muros” para pedir autorização para as pinturas. A Rede Nami possui uma relação próxima com o centro comunitário onde são desenvolvidas as palestras. Desentendimentos entre a vizinhança e o programa sobre a utilização do muro são quase inexistentes, pelo contrário, é notável a intervenção de pessoas dispostas a repintarem as obras nos muros de suas casas. Presenciei apenas um desentendimento que oportunizou pensar sobre as dificuldades e riscos da realidade que deve ser vivida quase que frequentemente pelos artistas de rua. Também temos a oportunidade de treinar as técnicas em outros horários, além dos encontros. Asicineiras conversam com os moradores e disponibilizam muros e material para o treino, complementando o grande museu a céu aberto de *street art* na comunidade.

O que notei e que importa destacar é que, em alguns desses momentos em pintura em grupo com essas mulheres, há um estímulo dado umas as outras, formando uma interação solidária entre elas nos trabalhos que necessitam de um acordo coletivo prévio sobre temática, cores ou dimensões. Elas escutam as opiniões das outras e até mesmo modificam seus desenhos e ideias quando uma colega sugere algo diferente. Perguntam a opinião das outras e, de forma amigável, conseguem incorporar as sugestões. Outra oportunidade de perceber como esse grupo consegue valorizar a questão de gênero, e estabelecer laços de compreensão e afetividade entre elas sem se perder na vaidade que

as relações artísticas podem promover.

O grupo também realiza atividades diversas. Uma delas em especial - e que levantou grandes questões relacionadas à produção artística e ao território - foi a visita do grupo ao Museu da República, na galeria do Lago, no bairro Catete. Fomos recebidas pela coordenadora e curadora⁶ da galeria Doutora em Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A curadora realizou um debate sobre a exposição que o grupo visitou, sobre produções artísticas e o processo de expor em galerias. Durante todo o debate foram surgindo questões interessantíssimas que pretendo desenvolver melhor em outro momento, questões levantadas por mim e pelas companheiras de oficina, tais como: como tornar a arte acessível? O que legitima a arte nos espaços públicos? A educação pode ser um meio de legitimar a arte? Arte versus trabalho: quando o retorno financeiro não vem e o artista quer fazer “seu nome”.

Uma participante levantou uma questão em relação ao financiamento das obras e das exposições, que é essencial e que desencadeia outras a se pensar. Reformulando a fala da companheira: a arte passa a ser um espaço elitista na medida em que o próprio artista é quem arca com as despesas da sua obra ou exposição. A curadora do museu respondeu que a escolha dos artistas que vão expor suas obras em galerias públicas, geralmente perpassa pela questão do território mais acessível e da facilidade do artista em conseguir se deslocar e arcar com os custos de sua exposição. O que me levantou a indagação de que a arte se torna seletiva em espaços e curadorias públicas o que dificulta a ascensão ou descoberta de muitos artistas da classe trabalhadora.

Outra questão que destaco se relaciona aos espaços destinados à arte na cidade. Um das explicações dadas pela curadora sobre a lógica dos museus e centros de arte estarem localizados em locais mais privilegiados - questão levantada por uma participante - é que esses locais se constituíram no processo de formação e transformação da própria cidade. O museu da república, por exemplo, foi construído pelo Barão do café e era um núcleo inicial da cidade do Rio. Cabe aqui uma crítica às novas localizações dos centros de cultura na cidade. A qual lógica elas tendem? A do capital, ou às necessidades e satisfações dos cidadãos?

Ainda nesse debate sobre o processo de criação artística do sujeito, uma fala muito marcante de uma das participantes foi a de que é necessário que o artista adeque a sua arte à sua condição, “se não dá para fazer com pedra faça com papel de forma que caiba no seu bolso”. E a curadora reafirmou essa ideia dizendo ser necessário adequar o material que você tem disponível ou tenha acesso às suas condições de produção artística. Outro debate

6 Não é necessária sua identificação.

importantíssimo e que deve ser mais investigado: o artista de rua ou o artista das camadas populares não consegue realizar o que imaginou por sua condição socioeconômica? Isso é determinante para o desenvolvimento da sua obra? Quantos artistas não desenvolvem seu potencial por terem que se subordinar a essa lógica?

Um dos momentos do grupo Afrografiteiras que merece destaque são os dias em que são realizadas as palestras no centro comunitário. São atividades importantes e que registram momentos essenciais para compreender a escolha dos sujeitos, foco do objeto dessa tese. Destaco alguns temas que perpassam os debates nos dias de atividades “teóricas” do grupo: relacionamento interpessoal das mulheres negras e seus desdobramentos em relação à pirâmide de diferença salarial entre homens e mulheres e entre os negros; sexualidade; direitos reprodutivos; entre outros. Demonstrem tentativas de que as mulheres ali presentes refletem suas individualidades e a condição de cada uma como forma de pensar a coletividade. Mostra a percepção de que as diferenças estabelecidas nas relações de trabalho e na economia, na “divisão sexual do trabalho”, são elementos fundamentais para discutir as opressões e construção de gênero.

Muitas das palestras mantêm uma perspectiva de coletividade para o enfrentamento das opressões e conseguem, de forma individual, tratar mulheres como sujeitos coletivos integrados à totalidade da vida social. Reafirmando o desafio necessário de se conectar com outras mulheres e mulheres de raças diversas enquanto sujeitos coletivos, para enfrentar questões relacionadas às opressões. Debates que entendem a importância em envolver brancos na luta feminista e antirracista também são uma constante.

Nesse sentido destaco a perspectiva apresentada em uma destas palestras de que é preciso “abrir a escuta para não falar pelo outro”, uma referência ao pensamento de Azoilda Loreto da Trindade, pedagoga do afeto que entende a pedagogia como forma de afetar e ser afetada pelo outro. Essa forma de pensar a pedagogia me chamou muito a atenção. Como estabelecer formas de aprendizado horizontais a partir do afeto e da proximidade? O significado da afetividade nos processos de ensino e aprendizagem pode garantir uma qualidade pedagógica e conseqüentemente visões políticas menos desumanizadoras diversas e igualitárias?

Temas próprios à manifestação artística do graffiti apresentados durante essas palestras também foram de grande importância para algumas definições e conclusões deste estudo. Principalmente em relação a como uma forma cultural com manifestações diversas, tal como a cultura Hip-Hop desde seu surgimento, reflete na vida cotidiana dos negros e negras na contemporaneidade. A definição da oficina sobre o graffiti foi importante e significativa. O graffiti transmite a “sensação de que alguém está te ouvindo ou te vendo”. O graffiti foi e é uma forma de se comunicar criada pelo povo preto, é a história do povo negro.

Portanto, concluo que reafirmar a identidade de raça no graffiti é uma importante mediação para marcar o surgimento dessa manifestação artística como também demarcar a importância da criação de uma forma de comunicação deste povo. Pois eles criaram uma forma artística que comunica de forma ideológica e artística sua identidade que cria possibilidades de percepção identitária deste povo e amplia as possibilidades de conhecimento sobre outras dimensões da realidade se aproximando ao que proponho investigar, uma dimensão pedagógica e política.

Debates sobre a ilegalidade no surgimento do graffiti e, portanto, sua conexão com a pixação, entre defender uma manifestação e criminalizar a outra vez por outra são trazidas pelas Afrografiteiras. Como determinar um processo de criminalização a partir da beleza do objeto artístico? Como manter uma sobre a ilegalidade e a outra sobre legalidade? A polícia determina um tratamento extremamente subjetivo frente aos sujeitos que se expressam por meio dessas manifestações. As legislações que determinam a liberação do uso de espaços para essas expressões são muito inferiores às que criminalizam e que vêm surgindo para enquadrar essas expressões.

Ainda pretendo acompanhar o desenvolvimento do fim das atividades com esse grupo que tem me engrandecido como pesquisadora, levantando várias questões a serem desenvolvidas na tese e para além da tese. Esse grupo, principalmente, tem me engrandecido como mulher enquanto sujeito.

Conclusão

O processo de imersão através das experiências e da observação participante, registradas pelo diário de campo, principalmente no grupo de mulheres que fazem graffiti na cidade do Rio de Janeiro, foi essencial para redesenhar e amadurecer o objeto de tese proposto. Esta aproximação permitiu destacar o agrupamento como identitário e “solidário” quanto à experimentação de gênero dentro das artes plásticas, e mostrar como essa mediação, a arte, influencia seu cotidiano por meio dessa prática político pedagógica de colorir muros.

As identidades ali se fortalecem pela exaltação da perspectiva de gênero e raça. As vivências partilhadas, a busca e a disposição em debater temas que se ligam a isto na contemporaneidade demonstram intencionalidades de conhecimento de si e desejos de multiplicação do que foi descoberto com suas companheiras mais próximas. Nesse sentido, o momento em que estas mulheres pintam os muros elas registram ali o que entendem sobre a estrutura de gênero em que estão submetidas e as relações de raça e, de certa forma, de classe que estruturam a sua vida cotidiana; e vão além, registram nos muros o que perceberam para que seja transmitido a outras mulheres que transitam pelas ruas da

cidade.

Queremos afirmar que as experiências artísticas de mulheres através do graffiti, de forma individual ou coletiva, nos despertou o olhar para a análise das possibilidades político e pedagógicas da arte no resgate e construção de modos que transformam a vida cotidiana dessas mulheres. Esta forma de levar o debate, importante e necessário, da condição de gênero na contemporaneidade, se justifica como importante, visto que por esse prisma, carregamos de sentido político uma manifestação artística que vem sendo estigmatizada. Nesse sentido, propomos uma investigação mais cuidadosa sobre as possibilidades pedagógicas que ampliam os horizontes de apreensão do real.

A educação política, mediada pela expressão artística do graffiti, em nosso ponto de vista, é estratégica e privilegiada para observação do desenvolvimento humano. Arriscamos dizer que como etapa do processo para sua emancipação, mulheres que ampliam a compreensão sobre os processos políticos, econômicos e estruturais que perpetuam o machismo e a opressão feminina podem elaborar ou reelaborar, através da cultura e da arte, processos de lutas sociais mais amplas.

O campo artístico que incorporou o feminismo traduz muito das lutas das mulheres e dos questionamentos relacionados à representação de seus corpos e sua invisibilidade enquanto artistas. Nosso ponto de vista é o de perceber a mulher como sujeito nas artes, não como musas inspiradoras, mas como sujeito que produz arte e participa da desconstrução de toda a estrutura da cultura patriarcal contemporânea.

Neste sentido, requisitam espaços para além do ambiente doméstico e privado. Pensar a arte de mulheres, e aqui especificamente a arte urbana do graffiti, é trazer a essência do debate feminista: o deslocamento da presença feminina para a arena pública. Pensar o uso da rua para as expressões artísticas de mulheres se configura hoje como uma conquista política contra o patriarcado que amplia territórios, cria ressonâncias de corpos e visibiliza gênero.

A arte de rua é historicamente vinculada a manifestações políticas e instrumento de lutas sociais. Neste contexto de ascenso do conservadorismo, que tolhe e intimida qualquer existência dissonante, esta reflexão justifica sua importância. Refletir e debater este tipo de manifestação é ampliar as possibilidades de divulgar estas formas de produção cultural em suas diversas expressões. É enxergar essas mulheres como sujeitos que se expressam neste contexto histórico e que usam a arte como mediação no processo de existir e reexistir, frente à lógica patriarcal.

Neste sentido, a utilização do diário de campo foi e é fundamental no exercício da sistematização e reflexão sobre as vivências de mulheres e de suas questões e condições de lutas contemporâneas. Problematizar as situações vivenciadas por elas durante a

observação e vivência de sua produção artística e cultural possibilitou o desenvolvimento de hipóteses e de construção de mediações teóricas importantes para o desenvolvimento da tese ainda em desenvolvimento. A opção metodológica neste estudo, que ainda se desdobrará na utilização de uma escuta voltada ao histórico de vida de algumas destas mulheres, possibilita um salto qualitativo na pesquisa proposta, o que também se vincula ao compromisso ético de compreensão qualificada das reais necessidades da classe trabalhadora em suas diversas dimensões da vida. O compromisso com a produção de conhecimento de forma qualificada, mesmo diante das investidas conservadoras nessa área - e principalmente frente a uma opção metodológica dialética e crítica -, é um desafio que se mostra necessário enfrentar para que novas abordagens venham a se configurar frente à realidade dos sujeitos.

É preciso reconhecer, defender e incentivar todo o caldo cultural que nos foi deixado e que tem sido transmitido sobre as questões relacionadas à dimensão cultural e artística da condição feminina na contemporaneidade. Mas é urgente identificar tanto as potencialidades sutis como as mais escancaradas de manifestações artísticas populares contemporâneas com características progressistas. E esse caráter progressista da arte só será expresso de forma efetiva se mantiver relação estreita e próxima das lutas sociais.

Nas palavras de Angela Davis:

Como Marx e Engels observaram há muito tempo, a arte é uma forma de consciência social – uma forma peculiar de consciência social, que tem o potencial de despertar nas pessoas tocadas por ela um impulso para transformar criativamente as condições opressivas que as cercam. A arte pode funcionar como sensibilizadora e catalisadora, impelindo as pessoas a se envolverem em movimentos organizados que buscam provocar mudanças sociais radicais. A arte é especial por sua capacidade de influenciar tanto sentimentos como conhecimento (DAVIS, 2017, p.166).

A luta pela igualdade de gênero e contra as forma de opressão impostas às mulheres, principalmente da classe trabalhadora, são questões de luta que encontram nas diversas manifestações artísticas caminhos para o florescimento de uma arte que pretende ser radical e transformadora.

Referências

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. Retomando a Temática da “Sistematização da Prática” em Serviço Social. **Pauta, Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ**, n.10, jul. 1997.

CRESSWELL, **O projeto de pesquisa; métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre, Artmed, 2010.

COSTA, Joyce Vieira; GUINDANI, Miriam. Didática e pedagogia do diário de campo. **Emancipação**, Ponta Grossa, UEPG, V. 12, n. 2, 2012.

GUERRA, Yolanda. A dimensão investigativa no exercício profissional. In: CFESS-ABEPSS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS-ABEPSS, 2009.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso; DAL PRÁ, Keli Regina. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 93, 104, jan./jun. 2007.